

“Como Antigas Estátuas de Bronze”. Sobre a Dissolução do Classicismo no Relato de Viagem pela América de Alexander von Humboldt

Oliver Lubrich

*Tradução: Magali dos Santos Moura**

Resumo: A “antiquização” da América – utilizando motivos clássicos como modelos de apropriação imperial – é uma estratégia retórica central no relato de viagem de Alexander von Humboldt. Ao longo da experiência colonial, no entanto, esse discurso fica imbuído de tensão: colidem-se tipos metafóricos e metonímicos, conotações positivas e negativas, diferentes modos de emporalização, bem como identificações coloniais e dissidentes etc. O conceito de Antigüidade é desautorizado e desconstruído. Testemunha-se a dissolução do classicismo europeu como dispositivo político-estético no contato com a diferença cultural.

Palavras-chave: Antiquização. Relato de Viagem. Alexander von Humboldt

Abstract: The “antiquization” of America, using classicist motifs as imperial models of appropriation, is a central rhetorical strategy in Alexander von Humboldt’s travelogue. Over the course of the colonial experience this discourse is infused with tension: metaphoric and metonymic types of references collide; positive and negative connotations are superimposed; incompatible modes of temporalization are contrasted; colonial as well as dissident identifications are laid out. The concept of “antiquity” is de-authorized, deconstructed. Readers witness the dissolution of European classicism as a politico-aesthetic ‘dispositif’ due to contact with cultural difference.

Keywords: “Antiquization”. Travelogue. Alexander von Humboldt.

* Professora Dr.a. de Literatura e Língua Alemãs da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É autora de inúmeros artigos sobre a literatura alemã e o contexto filosófico-científico da passagem do século XVIII ao XIX. Desenvolveu estudos sobre a poética orgânica de Goethe, tema de seu doutorado, enfatizando os diálogos possíveis entre a arte e a ciência.

“Nous vîmes danser les Indiens”, anota Alexander von Humboldt no relato de sua viagem à América ao fazer a descrição de um ritual indígena nas florestas amazônicas da região venezuelana do Orenoco. Nessa ocasião lhe ocorreu uma referência cultural especial em relação aos instrumentos musicais feitos de cana que eram usados no ritual: “Ces roseaux rangés sur une même ligne, et liés les uns aux autres, ressemblent à la flûte de Pan telle que nous la trouvons représentée dans des processions bachiques sur les vases de la Grande-Grèce.” (II.557)¹. Na floresta tropical vem à mente do viajante-pesquisador ainda outras associações: quando fala, por exemplo, de serpentes, Humboldt refere-se ao episódio do Laocoonte da Eneida (II.364).² E sobre o Caribe, escreve Humboldt numa clareza verdadeiramente paradigmática: “[L]eurs grandes figures d’un rouge cuivré et pittoresquement drapées ressemblent de loin, en se projetant dans la steppe contre le ciel, à des statues antiques de bronze.” (III.6). Qual a importância de tais evocações da Antiguidade? Qual função elas possuem no relato de viagem pela América de Alexander von Humboldt, do *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent* em três volumes? Que papel desempenham motivos gregos e romanos na percepção e descrição de terras distantes e culturas estrangeiras pelos viajantes europeus?

O grande número de referências à Antiguidade pode ser diferenciado formalmente por alguns tipos fundamentais: Humboldt aparentemente utiliza associações assistemáticas e espontâneas, assim como determinadas citações e referências literárias ordenadas, comparações de diferentes disciplinas e até mesmo referências científicas, através das quais a “realidade” americana, a qual o relato constrói, em diversos aspectos, está associada à Antiguidade grega e romana. Humboldt traça, por exemplo, analogias sob o ponto de vista da história

¹ As citações seguem a edição francesa original: Alexander von Humboldt, *Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent. Fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland, rédigé par Alexandre de Humboldt*. Nova edição do original completo editado em Paris em 1814-1825, cuidada, com introdução e acrescida de um registro por Hanno Beck, 3 v., Stuttgart: Brockhaus, 1970. – Os algarismos romanos indicam o volume e os algarismos arábicos as páginas.

² Justamente o mito de Laocoonte desempenha um papel central na recepção da Antiguidade desde a Renascença e, em especial, a partir de 1506 pela descoberta do assim chamado “Grupo-Laocoonte”, até Lessing, “*Laokoon: oder über die Grenzen der Malerey und Poesië*”, Berlim, 1766.

da arte. A Antiguidade torna-se um princípio estético, concretamente um tipo de ornamentação. Sobre pinturas de vasos indígenas diz que: “Ce sont de véritables grecques [...] semblables à celles que nous trouvons sur les vases de la Grande-Grèce, sur les édifices mexicains de Mitla, et dans les ouvrages de tant de peuples” (II.371). O mesmo princípio estilístico, Humboldt reconhece nas urnas nas cavernas funerárias de Ataruípe, as quais ele saqueia, sob o protesto dos guias nativos: “de vraies grecques” (II.598).

A percepção da América³ de Humboldt orienta-se em distintos aspectos por modelos da Antiguidade. Até mesmo as vias de comunicação no centro das terras venezuelanas parecem ser comparáveis àquelas que são conhecidas na Antiguidade: “Dans ces pays, comme chez les anciens...” (II.61). Diversas reminiscências da mitologia grega se imiscuem no relato de viagem: um povo guerreiro na floresta tropical recebe até mesmo seu nome, como Humboldt constata, a partir de um paralelismo mitológico: “ces femmes belliqueuses que les voyageurs du seizième siècle ont nommées les Amazones du Nouveau-Monde.” (II.484). No início do curso do até então inexplorado Orenoco, Humboldt pensa na mitologia antiga do fim do mundo conhecido: “ce sont les colonnes d’Hercule” (II.569)⁴, com o que ele, por um lado, atualiza o mito do *nec plus ultra*, na medida em que desloca para o oeste as “colunas de Hércules”, e, por outro lado, o contesta na medida em que ele próprio ultrapassa o suposto fim de mundo com uma simples canoa.

“De maneira involuntária”, os sacerdotes dos Incas dão aos viajantes a lembrança de um culto em Rhodes: “ces prêtres-rois du Pérou qui se disoient fils du Soleil, et ces *Rois-Soleils* chez les Natchez qui rappellent involontairement les Héliades de la première colonie orientale de Rhodes.” (III.21-22). Essa referência aos Heliades, os sete filhos do deus-sol Hélios e da ninfa Rode, os quais são tidos como os ancestrais de Rodes e dos quais um, Kerkafof, gerou os Epônimos do local central

³ A maneira de se escrever “América” deve levar em conta aqui o fato de que Alexander von Humboldt viajou e descreveu, sobretudo, as regiões hispânicas do assim chamado “Novo Mundo”; o conceito “América”, pelo contrário, é usado hoje via de regra (de maneira errada) como sinônimo para os Estados Unidos. [Essa nota refere-se ao uso, na língua alemã, do vocábulo “*Amerika*”. (N.da Trad.)]

⁴ Humboldt dá preferência à versão românica, latina, do nome.

de Rodes Kameiros, Ialysos e Lindos, não é apenas significativa pelo fato de que aqui, por detrás das simples analogias da ciência da religião comparada, indica-se expressamente o processo de transferência de valores religiosos e de práticas culturais a uma “colonic” e, dessa forma, encontra-se implicitamente tematizado o processo de nomeação colonial –, mas isso também acontece quando o próprio mito torna ambígua essa relação colonial na medida em que desemboca na impossibilidade de decisão na discussão sobre a prioridade entre colônia e metrópole: aos sete filhos de Rodes, o Deus do Sol vaticinou para a vida deles, que, como os primeiros homens a oferecer sacrifício a recém-nascida deusa Atena, estariam assegurados de constar com sua proteção eterna. Mas, enquanto os Helíades haviam feito a oferenda sem o fogo prescrito, o ateniense Kekrops repetiu o ritual completo – com fogo. Desde então, ambas, Atenas e Rodes, podiam pretender haver ganhado para si a benção da deusa e ambas passaram a celebrar regularmente, a partir de então, o sacrifício para a sua honra – em Rodes, sem fogo.⁵

A Antiguidade servia a Alexander von Humboldt – a princípio, inteiramente de acordo com a época – como medida e modelo do entendimento, como ponto de partida e apoio da percepção.⁶ Ela tem, evidentemente, a função de servir como referência absoluta, como autoridade cultural e como fonte indubitável de saber: “Nous savons”, escreve Humboldt, “par le témoignage de l’antiquité...” (II, 664). O aspecto antigo da realidade americana, como Humboldt a percebe, permanece estritamente na esfera literária. Uma conexão real entre Antiguidade e América, seja como uma influência através de expedições e migrações de povos, seja pela comunicação transcontinental, como afirmavam alguns autores em relação, p. ex., a supostas coincidências mitológicas ou arqueológicas (“des monnoies phéniciennes et romaines que l’on assure avoir trouvées aux États-Unis” (III,163)), é recusada claramente como “absurda” (“de si absurdes hypothèses!” (III,163)) “Ce qui n’étoit alors qu’un ornement de style et un plaisir de l’esprit est

⁵ Comp. A indicação dada por Humboldt em Diodorus, V.56 assim como Píndaro, Ode Olímpica VII.

⁶ Em relação ao modelo-função da época, especialmente da Grécia Antiga ver, p.ex., em relação a Wilhelm von Humboldt: Jean Quillien, *G. de Humboldt et la Grèce. Modèle et histoire*, Lille: Presses Universitaires de Lille, 1983.

devenu de nos jours le sujet de graves discussions. [...] [O]n a expliqué toute la fable grecque, sans en exclure les Amazones, par la connoissance des localités du lac de Nicaragua et de quelques autres sites américains!” (II, 485-486) Humboldt interpreta a semelhança estrutural das formas estilísticas da arte das pinturas de vaso antigas e indianas no contexto da teoria de uma gramática antropológica como analogia não diretamente causal: “Ces peintures se retrouvent sous toutes les zones, chez les peuples les plus éloignés les uns des autres [...]. Des analogies, fondées sur la nature intime de nos sentimens, sur les dispositions naturelles de notre intelligence, ne sont pas propres à jeter du jour sur la filiation et les relations anciennes des peuples.” (II, 598) Humboldt rechaça do mesmo modo o procedimento metonímico de pôr o estrangeiro em contato direto, por exemplo, por meio de filiação, com o próprio, fazendo, no lugar disso, uma série de transposições metafóricas. Num nível mais elevado, contudo, ele pratica aquilo que aqui critica como uma operação por demais simples. As referências greco-romanas de Alexander von Humboldt também são, em última instância, uma tentativa de abarcar “alteridade” fazendo uma ligação direta com algo conhecido.⁷

Humboldt descobre semelhanças religiosas, mitológicas, culturais e estéticas, chega a analogias correspondentes e, no meio de tudo, estabelece até mesmo relações natural-científicas. Ele compara, por exemplo, a metodologia científica e o nível de conhecimento “dos indígenas” (“des Indens”) com aqueles “dos antigos”: “Comme les botanistes de l’antiquité, ils nioient ce qu’ils ne s’étoient pas donné la peine d’observer.” (II, 421) Além disso, surgem paralelos com pesquisadores concretos: “[L]es naturels [...] savent [...] ce que savoient jadis Eudoxe et Eratosthène” (II, 660) O cientista também compara determinados fenômenos da natureza, observados na América, com aqueles que lhe são conhecidos dos lugares clássicos da Antiguidade europeia. Lemos a respeito das bifurcações dos rios: “Le sol classique de l’Italie renfermoit donc, parmi tant de prodiges de la nature et des

⁷ Em relação à política identitária pode-se inferir de modo geral: O Relato de Viagem de Alexander von Humboldt assume uma “triangulação” entre o “Próprio” (Europa de então), o “Estrangeiro” (a América espanhola) e o “Antigo” (referência história). — Tomei o conceito “triangulação” de Hinrich C. Seeba, Berkeley.

arts, une de ces bifurcations dont les forêts du Nouveau-Monde nous offrent un autre exemple, sur une échelle beaucoup plus grande.” (II, 524) E sobre o número de desembocaduras do Orenoco escreve Humboldt e escorrega até no latim: “Une tradition vulgaire en donne sept à l’Orénoque, et nous rappelle les septem ostia Nili, si célèbres dans l’antiquité.” (II, 651). Tais comparações, aparentemente motivadas apenas pela ciência, não deixam de ter uma conotação histórica e ideológica, por exemplo, também quando Humboldt compara o rio Sipapo justamente com o Tibre: “Le Rio Sipapo [...] deux fois plus large que le Tibre” (II, 381). Essa comparação puramente quantitativa não se impõe forçosamente de forma alguma. Trata-se aqui menos de uma ilustração sóbria de uma relação de grandeza natural do que da associação de um elemento da realidade americana com um rio que deve ser entendido como metonímia da civilização romana.

Em uma palavra: Alexander von Humboldt “antiquiza”⁸ a América. As paisagens da América se transformam em um espaço para uma Antiguidade no presente: para uma nova Ática, um novo Lácio. Essa estilização das regiões visitadas como uma Antiguidade contemporânea faz da expedição americana uma viagem no tempo imaginária.

O rio Casiquiare também é literalizado por Humboldt através de uma citação latina: “[L]e Cassiquiare, dans son état actuel, n’est pas, comme disent les poètes du Latium, *placidus et mitissimus amnis*: il ne ressemble guère à cet *errans languido flumine* Cocytus” (II, 525). Enquanto a primeira locução, “*placidus et mitissimus amnis*”, é atribuída como lugar comum simultaneamente a distintos “poetas”, mas claramente criada pelo próprio Humboldt⁹, a segunda citação origina-se de uma Ode de Horácio,¹⁰ que, excepcionalmente, não é referido, e é citada com ligeira

⁸ No original, o autor vale-se do termo dicionarizado na língua alemã “antikisieren” que significa imitar as formas clássicas da Antiguidade. Na presente tradução, optou-se pelo uso do neologismo “antiquizar” e suas variantes. [Nota da tradutora]

⁹ Um “*placidus amnis*” é encontrado em Ovídio, *Metamorphosen* 1.702, um “*fluvius mitis*” em Virgílio, *Aeneis* VIII.86ff. Estilisticamente, a locução lembra mais ou menos também à “*laudes Italiae*” em *Georgica*, V.136-176 de Virgílio. – Agradeço a Yahya A. Elsaygh, Bern pelas indicações e sugestões.

¹⁰ Horácio, *Carminum liber alter*, 14, 17-20: “visendus ater flumine languido / Cocytos errans et Danai genus / infame damnatusque longi / Sisyphus Aeolides laboris...” Humboldt modifica,

modificação, provavelmente de memória. Humboldt compara o rio Casiquiare com um curso de água não especificado do Lácio assim como com um rio do mundo inferior Cócito. Conotações positivas (*placidus et mutissimus*) e negativas (*errans languido*) estão aí combinadas umas às outras. As citações abrem, intertextualmente, dois espaços de conotação. No centro da América do Sul, Humboldt insere ao mesmo tempo em seu texto uma referência bucólica e ctônica: paz e morte, a Arcádia idílica e o reino dos mortos. Trata-se nesse caso, contudo, de uma comparação extraordinária, na verdade negativa, a qual não se baseia em semelhanças, mas justamente constata a falta disso. O Casiquiare não é (“n’est pas”) como o tranqüilo riacho do poeta do Lácio nem (“guère” literalmente “muito menos”) como o rio antigo do mundo inferior¹¹. Mesmo aí, quando não se reconhece nenhuma concordância, emergem referências clássicas. A Antiguidade é mantida como medida do que é percebido. E, nesse aspecto, ela não desempenha de modo nenhum um papel meramente ornamental. Num estranhamento greco-romano, Alexander von Humboldt revisa dois dos mitos do novo mundo, sempre de novo repetidos, contrários ao extremo: a viagem fluvial pelo Casiquiare não é nem uma viagem ao paraíso nem uma catarse.¹²

2.

Em consideração às diversas “antiquizações” retóricas deve, de certa forma, surpreender uma auto-reflexão e uma autocrítica exatamente em relação ao relatado acima. Humboldt põe em questão, a princípio de forma implícita, sua própria prática literária, quando

portanto também a ordem das palavras e latiniza a terminação da palavra *Cocytos*. A Ode evoca a inevitabilidade da morte, torna presente o reino dos mortos e cita, em especial, os pecadores que são castigados com o castigo eterno: Sísifo (que sempre leva um rochedo para cima da mesma montanha) e as Danaides (que têm de encher de água uma jarra furada).

¹¹ Acerca do Cócito cp. talvez também *Eneida*, VI.132, VI.296-297, VI.322.

¹² Acerca das mitologias complementares do ‘El Dorado’ e da ‘Leyenda Negra’ e sua relativização por Alexander von Humboldt cp. Charles Minguet, Alexander von Humboldt und die Erneuerung des Lateinamerika-Bildes. In: Gustav Siebenmann/Hans-Joachim König (Ed.), *Das Bild Lateinamerikas im deutschen Sprachraum. Ein Arbeitsgespräch an der Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel, 15.-17. März 1989* (Tübingen 1992) = *Beihfte zur Iberoromania* 8, 1992, P. 107-125; cp. Também Ernst Bloch, Eldorado und Eden, die geographischen Utopien. In: seu., *Das Prinzip Hoffnung*, 3 vols., Frankfurt am Main: Suhrkamp (stw), 1985, Vol. 2, P. 873-929.

ele observa a inclinação de diversos escritores de diários de viagem relativiza a “antiquização”: “[J]e goût du merveilleux et le désir d’orner les descriptions du Nouveau-Continent de quelques traits tirés de l’antiquité classique” (II, 485). Ao longo da mesma passagem, essa autocrítica explicita-se repentinamente, na medida em que o texto passa à primeira pessoa do plural (“nous”):

[O]n reconnoît cette tendance des écrivains du seizième siècle à trouver, chez des peuples nouvellement découverts, tout ce que les Grecs nous ont appris sur le premier âge du monde [...]. Conduits par ces voyageurs dans un autre hémisphère, nous croyons parcourir les temps passés; car les hordes de l’Amérique, dans leur simplicité primitive, offrent à l’Europe «une espèce d’antiquité dont nous sommes presque contemporains. (II.485)

Como se pode explicar a simultaneidade de uma “antiquização”, aparentemente ingênua, como um procedimento ideológico irrefletido, com a sua crítica autoconsciente? Coexistem variantes “acríticos” e “críticos” de motivos antigos? Ou o uso por Humboldt dos topos antigos, referências e metáforas perfaz um desenvolvimento no decorrer do relato de viagem?

Chama a atenção, a princípio, a freqüência das referências à Antiguidade no primeiro volume, antes de tudo na forma de remissão a autores gregos e romanos, em especial nas numerosas notas de pé de página.¹³ O cânone dessas referências abrange geógrafos antigos (Pomponius Mela) e cientistas naturais (Plínio, o velho, Estrabão e Diodoro), mas também historiadores (Heródoto, Tácito) e filósofos (Anaxágoras, Aristóteles, Sêneca). A freqüência dessas citações reduz-se efetivamente depois do primeiro volume de forma clara. Isso significa

¹³ O registro abrangente de Hanno Beck na nova edição em fac-símile da edição original da *Relation historique...* (como na nota 2), III.632-687, lista tão somente as nomeações no texto principal, não as diversas chamadas nas notas. Justamente nas notas, Humboldt remete muito frequentemente a autores antigos, enquanto ele abrevia os nomes deles, as indicações das suas fontes pós-antigas ele, pelo contrário, frequentemente estende. A nota da página 50 do primeiro volume, por exemplo, remete a Diodorus, Dioniso Halicarnasso, Aristóteles e Strabo, a nota na página 53 remete a Plínio, o velho e a Strabo, duas notas na página 173 a Aristóteles, Solinus, Mela, Plinius, Strabo, Diodorus e Heródoto.

que diminui, pelo menos explicitamente, a influência do cânone de autores expressamente antigos em relação à percepção e construção da América.

A variação da recepção da Antiguidade no texto de Humboldt não é apenas quantitativa e funcional, mas também de natureza qualitativa. Humboldt efetua uma transição gradual de uma antiquização referencial a uma metafórica. A maioria das referências indiretas na forma de motivos antiquizantes, dos quais alguns foram mencionados no início, aparecem no volume dois. Em especial na descrição da viagem pelo rio Orenoco através da floresta tropical venezuelana, Humboldt serve-se de diversos modelos antigos. A antiquização como estratégia literária e ideológica é intensificada em determinadas passagens do relato de viagem, em um contexto espacial-mitológico e cultural-filosófico. Esse topos de uma destemporalização antiquizante das regiões da floresta tropical (como *locus extra tempus*) e sua imaginação em termos antigos (como *locus antiquus*) inscreve-se em obras proeminentes da literatura latino-americana, cuja ação localiza-se nas regiões da floresta tropical venezuelana visitadas por Humboldt, como, por exemplo, no romance *Canaima* de Rómulo Gallegos¹⁴ ou em *Los Pasos Perdidos* de Alejo Carpentier.¹⁵ A “floresta primeva” é imaginada sem exceção como um mundo quase antigo de uma época passada e de uma suspensão temporal.

É justamente essa dimensão temporal da estilização da Antiguidade que se torna logo problemática em Humboldt. A construção

¹⁴ Rómulo Gallegos, *Canaima*. Bogotá: Oveja Negra, 1985. A floresta tropical é imaginada como “templo”, as árvores como “colunas” (o que indica o fato de que pode se tratar apenas de uma arquitetura antiga européia e não de uma indígena): “*Por la selva virgen, que es como un templo de millones de columnas...*” (pág. 139); comp. Charles Minguet, Rómulo Gallegos à la lumière de Humboldt. In: *Crisol* 5, Okt. 1986, págs. 47-49.

¹⁵ Alejo Carpentier, *Los Pasos Perdidos*. Buenos Aires: Losada, 1996. Não é por mera casualidade que o protagonista de Carpentier topa na floresta tropical precisamente com gregos, recebe a *Odisséia* como presente (p. 247), vivencia uma arcaica utopia da *polis* e associa constantemente diversos mitos da Antiguidade. A questão sobre em que medida pode ser falado de uma influência direta de Humboldt ou de um sintoma de uma efetiva criação de um topos humboldtiano, é algo que foge ao interesse perseguido aqui e já foi apresentada de forma indicativa em outros trabalhos, comp. David Hernández, “Alexander von Humboldt, die andere Suche nach El Dorado: Die Reise in die Äquinoktial-Gegenden des Neuen Kontinents als Vorbote des lateinamerikanischen Romans”. In: ———. *Alexander von Humboldt – die andere Suche nach El Dorado und weitere Essays zur zeitgenössischen lateinamerikanischen Literatur*. London: The World of Books Ltd., 1996, págs. 6-42; comp. questão semelhante: Juan Durán Luzio, Alexander von Humboldt y Andrés Bello: Etapas hacia una relación textual. In: *Escritura* 12, Dez./Jan. 1987, 23-24, pgs. 139-152.

da América, desenvolvida através de diversas referências “antiquizantes” como uma Antiguidade simultânea (viva), entra em concorrência com os estudos de Humboldt sobre as civilizações pré-colombianas, com sua prática de “arqueologização”, ou seja: da percepção das culturas indígenas americanas a partir, sobretudo, de relíquias arquitetônicas e artesanais na sua própria forma de passado análoga à Antiguidade;¹⁶ – e, portanto com sua concepção retrospectiva da América, portanto, como de uma Antiguidade passada (morta), tal qual Benedict Anderson a analisou em sua teoria geral e história do nacionalismo como ideologia de administrações coloniais e pós-coloniais, e que Mary Louise Pratt, em seu bastante discutido trabalho, critica como estratégia de um discurso imperialista em Humboldt.¹⁷ Duas formas de temporalização

¹⁶ Como exemplo: Alexander von Humboldt. Das Hochland von Caxamarca, der alten Residenzstadt des Inka Atahualpa. Erster Anblick der Südsee von dem Rücken der Andeskette. In: _____, *Ansichten der Natur*, Stuttgart: Reclam, 1992, págs. 118-146; _____, *Vues des Cordillères et monumens des peuples indigènes de l'Amérique*, 2 Vols. Paris 1810-1813. Sobre Humboldt como arqueólogo e estudioso da culturas americanas antigas, ver: Éloïse Quiñones Keber, Humboldt and Aztec Art. In: *Colonial Latin American Review* 5, 1996, 2, págs.. 277-297; Paul Kirchhoff, La aportación de Humboldt al estudio de las antiguas civilizaciones americanas: un modelo y un programa. In: Marianne O. de Bopp (Org.), *Ensayos sobre Humboldt*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1962, págs. 89-103; Ignacio Bernal, Humboldt y la arqueología mexicana, ebd., págs. 121-132; Armando Rangel, Humboldt y las culturas prehispánicas en el «mediterráneo americano». In: Frank Holl (Org.), *Alejandro de Humboldt en Cuba*. Augsburg: Wissner, 1997, págs 83-92; Ursula Thiemer-Sachse, Alexander von Humboldt, die Ureinwohner Amerikas und das Problem des weltweiten Vergleichs. In: Michael Zeuske/Bernd Schröter (Org.), *Alexander von Humboldt und das neue Geschichtsbild von Lateinamerika*, Leipzig: Leipziger Universitätsverlag, 1992, págs. 38-48; Ángel N. Bedoya Maruri, Arqueología humboldtiana. In: M. Acosta Solís (Org.), *Homenaje del Instituto Ecuatoriano de Ciencias Naturales al sabio naturalista Alejandro de Humboldt en el bicentenario de su nacimiento* (= *Flora. Revista Tropandina de Ciencias Naturales y Biológicas*, 12, 1969, 41-46) Quito: La Unión, 1969, págs 167-182; Neptalí Zúñiga, Alexander von Humboldts Beitrag zur Erforschung des vorkolumbianischen Amerika. In: Joachim Heinrich Schultze (Org.), *Alexander von Humboldt. Studien zu seiner universalen Geisteshaltung*. Festschrift zur Alexander-von-Humboldt-Feier, veranstaltet aus Anlaß der 100. Wiederkehr seines Todestages vom Humboldt-Komitee der Bundesrepublik Deutschland, in Berlin am 18. und 19. Mai 1959, Berlin: de Gruyter, 1959, págs.105-122; Renate Löschner, Alexander von Humboldts Bedeutung für die Altamerikanistik. In: Wolfgang-Hagen Hein (Org.), *Alexander von Humboldt. Leben und Werk*, Frankfurt am Main: Weisbecker, 1985, págs. 249-262; dies., Alexander von Humboldt und die mexikanischen Bilderschriften, ebd., págs. 263-272.

¹⁷ Mary Louise Pratt, Alexander von Humboldt and the reinvention of América, in: dies., *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, London/New York: Routledge, 1992, págs. 111-143 – assim como em: René Jara/Nicholas Spadaccini (Org.), *Amerindian Images and the Legacy of Columbus* (= *Hispanic Issues*, 9, 1992), Minneapolis 1992, págs. 548-606 – veja também: Cristina Meneghetti, Humboldt y la reinención de América, in: *Nuevo Texto Crítico* 1, 1988, 1, págs. 35-53; als Replik auf Pratt vgl. Eoin Bourke, «Der zweite Kolumbus? Überlegungen zu Alexander von Humboldts Eurozentrismus (Tagungsakten des internationalen Symposions zur Reiseliteratur, University College, Dublin, 10.-12. März 1994)», in: Anne Fuchs/Theo Harden/Eva Juhl (Org.), *Reisen im Diskurs: Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne* (= *Neue Bremer Beiträge*, 8, 1995), Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1995, p. 137-151; Benedict Anderson, *Census, Map, Museum*, in: _____, *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London/New York: Verso, 1991, págs. 163-185, aqui, em especial: «The Museum», págs. 178-185.

se entrecruzam aqui; em uma primeira variante, o estrangeiro aparece como uma forma antiga, arcaica de si mesmo (referência: o próprio passado). Sob outro ponto de vista, o estrangeiro é concebido em sua própria forma de passado (referência o passado estrangeiro). Admite-se ora um desenvolvimento paralelo, mas atrasado, ora, ao contrário, um especificamente estrangeiro, mas interrompido. Seja lá o que for que motiva o afastamento do interesse das culturas atuais para as do passado (A raridade dos vestígios? Sua monumentalidade e qualidade estética? A precariedade do presente? Ocupação colonial? Nostalgia da Antiguidade?): a concepção de Humboldt de Antiguidade se complexifica pelo fato de que o presente americano é conectado ao mesmo tempo com o passado europeu e com o seu próprio ou, na verdade, parece estar sincronizado com esses dois modelos históricos.

Em um trecho, Humboldt chega finalmente a falar da Grécia contemporânea. Menciona a guerra da independência, que, duas décadas depois de seu retorno da América, estava em curso (de 1821 até 1829) durante o trabalho no último volume de seu relato de viagem. Com uma referência aos “povos civilizados do oeste e do norte”, que, por negligência, não teriam prevenido as crueldades dos turcos (III. 457), alude indiretamente àqueles helenófilos, que – como Lord Byron – haviam partido, em verdade, para defender a sua Grécia clássica. Contudo, logo tiveram que constatar, desiludidos, que os guerreiros, junto dos quais lutavam contra os turcos, tinham muito pouco em comum com sua imagem da Antiguidade.¹⁸ Os gregos contemporâneos não eram de modo algum gregos antigos. Os admiradores da Antiguidade clássica negligenciaram a diferença histórica entre Antiguidade e presente, a qual Humboldt, na América, tentara superar de outro modo.

Mas a poética antiquizante (*Poetik der Antikisierung*) de Humboldt não perde sua coerência só nesse conflito com essas outras formas de temporalidade histórica. A própria idéia de Antiguidade experimenta extensas modificações e vai se diferenciando progressivamente. Humboldt empreende diversas relativizações de sua concepção. Ao empreender uma atribuição de qualificativos, por exemplo “une haute antiquité” (II,

¹⁸ Cp. John Keegan, *Die Kultur des Krieges*, Berlin: Rowohlt Berlin, 1995, p. 33.

661), simultaneamente a pluraliza e relativiza. A Antiguidade deixa de ser um fenômeno singular exclusivamente europeu. Não se trata só de que a Antiguidade grega não é a única grande civilização arcaica, mas nem mesmo a mais antiga. Contraposta às suas precursoras orientais ela aparece até como comparativamente jovem: “Les Égyptiens trouvoient bien récents les souvenirs historiques des Grecs” (II, 601). E na seqüência: les Chinois [...] auroient souri des prétentions d’antiquité des Égyptiens” (II, 601). Não existe, conseqüentemente, só uma Antiguidade, mas muitas, dentre as quais algumas não européias, perante as quais a Antiguidade européia não é, em parte, tão venerável em idade e de menor originalidade. A Antiguidade européia perde seu monopólio. E perde sua prioridade. Pois, se a Antiguidade grega não é temporalmente a primeira grande cultura histórica, não se pode mais afastar o pensamento que ela de fato talvez não seja originária.¹⁹

3.

Ao longo de sua viagem pela América, Alexander von Humboldt chega, ao mesmo tempo de passagem e de modo oposto a *opinio communis* dos contemporâneos classicistas, a uma conclusão de largo alcance. Sobre uma pedra sagrada dos índios no interior do continente sul-americano, escreve: “Ce culte antique des pierres, ces vertus bienfaisantes attribuées au jade et à l’hématite sont propres aux sauvages de l’Amérique comme à ces habitans des forêts de la Thrace que les vénérables institutions d’Orphée et l’origine des mystères nous défendent de considérer comme sauvages.” (II, 484) Humboldt constata: “Chez les peuples des deux mondes, nous trouvons, au premier degré d’une civilisation naissante, une prédilection particulière pour certaines pierres...” (III, 483). E se esforça por uma explicação, cuja discrepância metafórica – rara no texto de Humboldt – parece revelar uma certa insatisfação: “Le genre humain, plus près de son berceau, se croit autochtone, il se sent comme enchaîné

¹⁹ Cp. Martin Bernal, *Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization, Volume 1: The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985*, New Brunswick: Rutgers University Press, 1994; ____: *Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization, Volume 2: The Archeological and Documentary Evidence*, New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.

à la terre et aux substances qu'elle renferme dans son sein. Les forces de la nature, plus encore celles qui détruisent que celles qui conservent, sont les premiers objets de son culte.” (III, 484) A combinação dessas imagens do “berço”, da “terra” e das “substâncias” em seu “peito”, junto às quais as culturas antigas se vêem “encadeadas”, parece mais encobrir, pela sua figuração forçada e imprecisão terminológica, uma conclusão ameaçadora, do que querer chegar a uma formulação de um conhecimento.

Pela variedade de distintos motivos antiquizantes, torna-se paulatinamente claro um problema cheio de conseqüências: se os indígenas da floresta tropical se assemelham a gregos antigos, então, na ordem inversa, aqueles gregos seriam, por conseqüência, como aqueles indígenas... Humboldt empreende aqui uma inversão sutil: se a comparação das culturas indígenas com fenômenos da Antiguidade europeia tivesse servido no início para o enobrecimento (e apropriação) dos nativos através de sua incorporação em um paradigma europeu, agora, de forma inversa, a mesma incorporação leva a uma desautorização da Antiguidade europeia, a qual pela sua conseqüência, é antes confirmada do que amenizada, pela imposição de um tabu de forma infundada (“nous défendent”). Humboldt cai, de forma crescente, em contradição com a concepção de que os gregos constituíram um ápice singular e imitável apenas de modo aproximado da história da cultura e, sobretudo, da arte ocidental.²⁰ E já antecipa as relativizações da Antiguidade historicistas e antropologizantes da Antiguidade, tal como levarão a cabo Nietzsche²¹ e, depois dele, outros pesquisadores da Antiguidade clássica e teóricos da cultura:²² trata-se, por fim, no caso

²⁰ Johann Joachim Winckelmann, *Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerey und Bildhauer-Kunst*, Dresden 1755.

²¹ Friedrich Nietzsche, *Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik*, Leipzig 1872; in: Kritische Studienausgabe, org. por G. Colli/M. Montinari, v. 1 (KSA 1), Berlin/München: de Gruyter/dtv, 1988. Mais tarde Nietzsche chama a “nova concepção dos gregos” como “o característico deste livro” (KSA 13, págs. 229). – Enquanto Humboldt, a princípio, acredita se reencontrar no “Novo Mundo” dos “antigos gregos” e inverte esse motivo (e com isso suas conseqüências filosófico-culturais implícitas), para perceber a Antiguidade grega com mesmo nível de primitivismo indígena, Nietzsche, de sua parte (nos fragmentos do legado, de agosto – setembro de 1885), acentua justamente esta volta, designando “o grego” como “o descobrimento do nosso ,novo mundo” (KSA 11, p. 682).

²² Walter Burkert, *Wilder Ursprung. Opferritual und Mythos bei den Griechen*, Berlin: Wagenbach, 1991; _____, *Homo Necans. Interpretation altgriechischer Opferriten und Mythen*, Berlin/New York: de Gruyter, 1997; ver também René Girard, *La violence et le sacré*, Paris: Hachette (Pluriel), 1972.

dos gregos clássicos de uma cultura “selvagem”, “primitiva”. Não só o status, como também a imagem da Antiguidade se modifica. Ela perde seu papel como paradigma absoluto e sua idealidade.²³

Em contato real com o estrangeiro além da Europa, o processo de “antiquização” de Humboldt, seu “Classicismo”, serve, a princípio, como sistema de referência autoritária. Ele funciona então como veículo de compreensão metafórica, até que ele, por fim, pela variedade de semelhanças, analogias e comparações, assim como pelo efeito de recorrência comparativa infinita, perde sua coerência, seu status e se dissolve no resultado. À descrição citada no princípio dos instrumentos musicais indígenas, que, como flautas dionisíacas são produzidas de canas, Humboldt faz seguir a abstração do antropólogo que compara: “Sous toutes les zones, les hommes, dans l’état de la nature, tirent un grand parti de ces graminées à chaume élevé.” (II, 557) Os gregos clássicos – um povo “em estado de natureza”. Como os “selvagens” do Orenoco – nem mais, nem menos.

O tratamento dado por Humboldt a esses nativos “gregos”, comporta-se, contudo, de forma mais significativamente ambivalente, forma que complica ainda mais esse modelo: os índios da região do Orenoco (“les naturels de l’Orénoque”) são comparados por ele, na verdade, não apenas com os gregos, mas também com os citas, “[ils] ont aussi peu que les anciens Scythes l’habitude de brûler les cadavres” (II, 603), ou com os Ictiófagos: “Pline et Diodore de Sicile ont décrit le *pain de poisson* des Ichthyophages, habitans du golfe persique et des côtes de la mer Rouge.” (II, 563) Em sua já citada crítica à literatura de viagem antiquizadora, Humboldt observava não apenas “cette tendance [...] à trouver, chez des peuples nouvellement découverts, tout ce que les Grecs nous ont appris sur le premier âge du monde” de modo geral, como

²³ A leitura de Adorno da *Ifigênia em Táuride* (1779) de Goethe desemboca no mesmo, talvez comparável, “protesto contra o Classicismo”: para Adorno a relação entre civilização e barbárie no drama de Goethe é estremecida de modo que aqui é o bárbaro Cita (toante) que demonstra ser o genuíno sujeito da humanidade, enquanto que os gregos “civilizados” (Orestes e Pilades) é que são “injustos” com ele, agem de modo desumano e assim denunciam uma virada dialética do iluminismo em Mitologia. Theodor W. Adorno, Zum Klassizismus in Goethes Iphigenie, in: _____, *Noten zur Literatur*, org. von Rolf Tiedemann, Frankfurt am Main: Suhrkamp (stw), 1981, p. 495-514. Como exemplo contemporâneo da problematização do pensar grego sobre a alteridade e questionamento da oposição ideológica entre civilização clássica e barbárie deve-se citar a trilogia dramática de Franz Grillparzers *Das Goldene Vließ* (1821).

também “sur les moeurs des barbares Scythes et Africains” (II, 485) Em especial, o cronista de viagens parece oscilar não só entre uma referencial e outra metafórica, uma idílica e outra sombria, uma autoritária e outra relativa, uma simultânea e outra retrospectiva, mas também entre uma “Antiquização” direta e outra indireta da América: entre a percepção dos nativos como novos gregos ou como antigos incas e, além disso, entre uma identificação dos americanos com os próprios gregos ou com seus “outros”, tal como, por exemplo, Heródoto apresentou a partir dos Cítas (assim como de outros povos da “periferia” do mundo antigo).²⁴ Plínio e Diodoro, como observa Humboldt, descrevem os ictiófagos “plus abrutis encore que les naturels de l’Orénoque” (II, 563). A formulação é curiosa: “Ainda mais embrutecidos” (“plus... encore) são os anteriores. Teria sido de esperar como conseqüência dessa lógica uma equivalência entre os “bárbaros” antigos e os modernos, de modo que a superioridade dos indígenas devesse surpreender. Em outra passagem, Humboldt utiliza a ocupação pelos gregos de regiões do Mediterrâneo como modelo heurístico de colonialismo, ao qual contrapõe sua variante contemporânea. A analogia é: Europa se relaciona com a América como outrora a Grécia em relação a suas colônias (III, 60). Alexander von Humboldt percebe a América como os gregos haviam percebido o que lhes era estrangeiro, seus “bárbaros”? Encontra-se Humboldt preso a um modelo imperialista de percepção da diferença, enfeitado por um “paradigma grego” (Mudimbe), que teria sido feito por autores como Heródoto, Diodorus, Estrabão e Plínio e cuja efetividade teria se realizado ao longo dos séculos no discurso ocidental sobre culturas não européias?²⁵ Ou Humboldt se encontra justamente pela sua percepção da periferia na tradição dos autores dissidentes da Antiguidade, dentre os quais dever-se-ia contar, por exemplo, – dependendo da interpretação –

²⁴ Sobre a imaginação grega acerca da “alteridade”, ver V. Y. Mudimbe, *The Power of the Greek Paradigm*, in: _____, *The Idea of Africa*, Bloomington: Indiana University Press, 1994, págs. 71-104.

²⁵ Mudimbe investiga como Heródoto (assim como Plínio, Diodoro e Estrabão) a partir de critérios fixos (“each community is clearly typified on the basis of some major paradigms: habitation, social locus, food, physical features, and marriage”, págs.72), esboça uma topografia étnica (“ethnographical map”, p. 72), um espaço colonial (“«colonized» space”, p.78), ao qual atribui monstruosidades cada vez mais grotescas aos povos da África com crescente distância da esfera cultural grega (“geography of monstrosity”, p. 78; “differences evaluated from a central canon”, p. 91), com o resultado de uma geografia paradigmática da diferença (“the opposition between Greek or Roman civility and barbarianism is concretized by being located on a map.”, p.80).

mais uma vez Heródoto.²⁶ Enquanto as passagens, nas quais Humboldt põe no mesmo nível os americanos e os bárbaros da Antiguidade – posicionando-se a si mesmo, de certo modo, ex negativo como um novo grego – indicariam para a primeira posição, os trechos nos quais os nativos são identificados diretamente como gregos (o que deixa em aberto, pelo menos nesse caso parcialmente, a questão sobre o auto-posicionamento implícito de Humboldt como grego, como bárbaro ou como estudioso moderno da Antiguidade), e ainda também as sugeridas diferenciações, relativizações e inversões da concepção da Antiguidade, permitem concluir a favor da segunda variante.

Aparecem finalmente cada vez mais com nítidas fissuras na própria imagem da Antiguidade. Em sua crítica sobre a escravatura em Cuba, Humboldt observa a contradição entre o suposto alto desenvolvimento de uma civilização e sua crueldade estrutural, como ele já constara nas culturas antigas: “[L]’esclavage, avec ses douleurs et ses excès, se maintiendra, comme dans l’ancienne Rome, à côté de l’élégance des moeurs, du progrès si vanté des lumières, de tous les prestiges d’une civilisation que sa présence accuse” (III, 457). Esse conhecimento desestabiliza não apenas as concepções histórico-filosóficas centrais de “progresso” (“progrès”), “Iluminismo” (“lumières”) e “civilização” (“civilisation”). Ele relativiza também a imagem de Humboldt da Antiguidade e descredencia seu Classicismo. Em uma nota de pé de página relativa à citada passagem, encontra-se: “L’argument tiré de la civilisation de Rome et de la Grèce, en faveur de l’esclavage, est très à

²⁶ Em oposição a Mudimbe em *The Idea of Africa* (wie Anm. 21), Martin Bernal und Stephen Greenblatt lêem Heródoto não como um autor imperialista: Stephen Greenblatt, *Marvelous Possessions. The Wonder of the New World*, Chicago: University of Chicago Press, 1994, págs. 122-128, interpreta Heródoto no sentido de sua tipologia bipartida (“Marvelous Possession” versus “Marvelous Dispossession”: colonização destrutiva versus experiência estética do estrangeiro no topos do “maravilhamento”) como exemplo de um discurso não hegemônico da diferença cultural, a qual está em condições de estabelecer uma percepção simultânea de semelhanças e diferenciações entre a própria cultura e a estrangeira, por exemplo, quando descreve o nomadismo dos Citas (diferença) não como indicio de um desenvolvimento inferior, mas sim, pelo contrário, como explicação de um nível de civilização comparável ao dos gregos (identidade). — Martin Bernal, *Black Athena*, Bd. 1 (ver nota 16), págs. 98-101, lê Heródoto como fonte de sua tese do “Ancient Model”, de uma consciência grega e de uma correspondente reflexão sobre o próprio enraizamento dos predecessores culturais não gregos, “*about the extent of Greek cultural borrowings from Egypt and Phoenicia*”, págs. 100-101, e, por consequência, como representação de semelhanças e, por conseguinte, de parentescos de práticas culturais estrangeiras com as próprias, as quais se originam daquelas.

la mode dans les Antilles, où quelquefois on se plaît à l’orner de tout le luxe de l’érudition philologique.” (III, 457) Referências clássicas podem, da mesma maneira, prestar-se a ilustrar a humanidade como justificar a inumanidade. A cultura da Antiguidade torna-se, em si, contraditória. Ela se torna polivalente. Ela não se presta mais como ponto de partida de uma autorização unívoca.

A princípio, Humboldt podia descrever os indígenas e suas culturas ainda como “verdadeiros gregos”, usando a palavra “véritables grecques” (II, 371) ou “vraies grecques” (II, 598) (Apesar de, nos dois casos, estar indicado pelo contexto que o conceito “grecques” não se referia diretamente aos “gregos”, mas sim a suas formas pictóricas não figurativas, o vocábulo transportava implicitamente consigo seu significado primário). Entretanto, Humboldt não só perdeu aquela clareza do princípio de como se deveria representar o “verdadeiramente grego”, por conseguinte, o “autêntico grego”, mas como também perdeu todo conceito de como vincular isso como a realidade americana de forma sensata.

4.

A desconstrução do conceito de Antiguidade, por conseguinte, do Classicismo europeu no relato de viagem de Alexander von Humboldt, não se efetua apenas em um nível temático, mas também semântico: o conceito “Antiguidade”, como usado por Humboldt, é, na verdade, tudo menos unívoco. Em relação à já descrita complicação em termos de conteúdo, é acrescida uma dispersão da terminologia, impossível de se seguir na tradução: uma polissemia radical. No original em francês do relato de viagem concorrem dois vocábulos caracterizados cada um por uma ambigüidade específica que no alemão não se poderia ter alcançado dessa maneira: Humboldt utiliza tanto a palavra “ancien” como também “antique”, por sua vez, com o mesmo significado de “velho” (“alt”), por outro lado no sentido conceitual da denominação de época, como “antigo” (“antik”). De fato, não se pode excluir também na forma de

leitura aparentemente próxima do primeiro significado (por exemplo, quando “*anciens géographes*” (II, 681) se referem aos “velhos” tempos da conquista, e “*antiques forêts*” (I, 1) às “velhas” florestas) que aqui também o segundo significado (a quase “antiga” prática dos geógrafos, a quase “antiga” dimensão da floresta tropical?) se mantém como uma denotação secundária.²⁷

O conceito de Antiguidade – conforme indicado, de todo modo contraditório – e com isso as práticas de antiquização da América no relato de viagem de Humboldt – conforme mostrado, extremamente heterogêneas – tornam-se problemáticas sob ainda um outro ponto de vista pela ambivalência, em especial, do conceito “ancien”: pois o conceito “ancien” designa, por um lado, (“*les anciens*”) a Antiguidade europeia em relação à modernidade europeia (na maneira da anterioridade: “os antigos”, “os anteriores”);²⁸ por outro lado, ele forma o atributo geral da Europa, ou seja: também da Europa contemporânea, quando no lugar de “l’Europe” fala-se do “mundo antigo”, de “l’ancien monde”, “l’ancien continent”, e se fala da América como “novo mundo”, como “*nouveau Monde*”, “*Nouveau Continent*”. Também quando no âmbito de comparações, metaforizações e estilizações antiquizantes da América como forma do passado da Europa (ou também como passado de si mesmo que ainda resta) e, ao mesmo tempo, é temporalizada retrospectivamente (“alt”), dessa forma a ambigüidade da acepção dessa palavra faz com que pareça, de modo inverso, como sua variante de futuro (“novo”). Por um lado, América está “hoje” (por volta de 1800) do mesmo modo como fora outrora a Europa antiga (de 1500 a 2500 antes). Por outro lado, a América não é de modo algum o velho, mas sim o novo que, caso se continue a pensar nesses termos, historicamente substituirá a Europa.²⁹ Todas as retóricas de temporalização cultural

²⁷ Trata-se de um uso exclusivamente natural-científico do conceito, quando a “*baute antiquité*” de determinados tipos de rochas indica sua avançada idade geológica? (II, 100)

²⁸ Enquanto “*les anciens*” referem-se unicamente a “os antigos” da Antiguidade europeia, “*antiquité*” designa às vezes também uma época antiga da história não europeia, como por exemplo, Índia, China ou as Ilhas do Oceano Pacífico (ver: II, 90).

²⁹ Benedict Anderson, *Memory and Forgetting*, in: _____. *Imagined Communities* (ver nota 14), em especial o capítulo *Space New and Old and Time New and Old*, págs.187-199: O paradigma da denominação colonial de “velho” e “novo” – “the strange habit of naming remote places [...] as new versions of (thereby) old toponyms in their lands of origin.” (págs. 187) – são invertidos

contêm uma valoração ideológica: segundo o conceito “iluminista” de progressão histórica (perfectibilidade, progresso) a idade de uma civilização surge como referência positiva: quanto mais velho, mais desenvolvido. Em um sentido “romântico”, ao contrário, idade significa decadência, declínio, sobrevivência, juventude, por sua vez, seria uma base da originalidade e frescor. Ambos conceitos cultural-histórico-filosóficos estão presentes em Humboldt.

Uma (última?) complicação da conceituação de Humboldt de “velho” (ou “antigo”) e “novo” se acrescenta, quando se pensa, de distinto ponto de vista científico, sobre a maneira variada de como se interpreta os atributos temporais dos dois “mundos” – ou melhor ainda: dos dois “continentes”: a “idade” ou a juvenil “novidade” da Europa, respectivamente, da América são discutidas de maneira explícita ao menos sob uma perspectiva dupla: histórica e geológica. Ou o “novo continente” é um “novo” porque sua formação teria geologicamente acontecido mais tarde do que a da Europa, África e Ásia, ou porque foi ‘descoberto’ pelos europeus sob a perspectiva cognitiva como um acontecimento histórico “novo”.³⁰

Embora a Antiguidade tenha servido no início como um ponto de referência constante, como modelo de percepção confiável e como corpus de referência intertextual estável, ela muda sua função ao longo do correr da descrição de viagem de Humboldt: como concepção cultural e histórica ela perde sua coerência e perde seu status ideológico. Pelo contato com a realidade americana o conceito de ‘Antiguidade’ é questionado de forma radical. Ele é pluralizado, relativizado, invertido e tornado polissêmico – e, por isso, desautoriza-se seu efeito; ele, como modelo histórico, é re-, ou melhor ainda, des-concepcionalizado. O relato de viagem de Alexander von Humboldt realiza, a partir da “Antiguidade”, uma forma de desconstrução sutil que semântica-, poetológica- e

e, por conseguinte, trocados pelos movimentos de independência: o “novo” não se entende mais como algo subordinado aos “velhos”, mas sim como seu continuador.

³⁰ O próprio Humboldt argumenta contra a hipótese de uma idade ‘mais jovem’ do Novo Mundo como se vê a seguir: “[O]n auroit trouvé, dans le phénomène qui nous occupe [das ist: der Wasserstand des Tacarigua-Sees], une preuve nouvelle du contraste que l’on aimoit à établir entre les deux continens. Pour démontrer que l’Amérique est sortie du sein des eaux plus tard que l’Asie et l’Europe, on auroit cité le lac de Tacarigua comme un de ces bassins intérieurs qui n’ont pas eu le temps de se dessécher, par l’effet d’une évaporation lente et progressive.” (II, 69)

filosoficamente produz conseqüências de grande envergadura: A *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continen* pode ser lida como a narrativa do fracasso da antiquização literária da América. Ela trata das metamorfoses e da destruição do Classicismo europeu no diálogo com o estrangeiro do ponto de vista geográfico e cultural.

Recebido em 23 de maio de 2009

Aprovado para publicação em 10 de agosto de 2009